

# Carlos Drummond de Andrade – A um morto na Índia

Meu caro Santa Rosa, que cenário  
diferente de quantos compuseste,  
a teu fim reservou a sorte vária,  
unindo Paraíba e Índias de leste!

Tudo é teatro, suspeito que me dizes,  
ou sonhas? ou sorris? e teu cigarro  
vai compondo um desenho, entre indivisos  
traços de morte e vida e amor e barro.

Amavas tanto o amor que as musas todas  
ao celebrar-te (são mulheres) choram,  
e não pressentem que um de teus engodos  
é não morrer, se as parcas te devoram.

Retifico: são simples tecedeiras,  
são mulheres do povo. E teu destino,  
uma tapeçaria onde as surpresas  
de linha e cor renovam seu ensino.

Que retrato de ti legas ao mundo?  
Se são tantos retratos, repartidos  
na verlainiana máscara, profunda  
mina de intelecções e de sentidos?

Meus livros são teus livros, nessa rubra  
capa com que os vestiste, e que entrelaça  
um desespero aberto ao sol de outubro  
à aérea flor das letras, ritmo e graça.

Os negros, nos murais, cumprem o rito  
litúrgico do samba: estão contando  
a alegria das formas, trismegisto  
princípio de arte, a um teu aceno brando.

Essa alegria de criar, que é tua  
explanação maior e mais tocante,  
fica girando no ar, enquanto avulta,  
em sensação de perda, teu semblante.

Cortês amigo, a fala baixa, o manso  
modo de conviver, e a dura crítica,  
e o mais de ti que em fantasia dança,  
pois a face do artista é sempre mítica,

em movimento rápido se fecha  
na rosa de teu nome, claro véu,  
ó Tomás Santa Rosa... E em Nova Delhi,  
o convite de Deus: pintar o céu.

**Carlos Drummond de Andrade, A vida passada a limpo**